

LEONARDO MOTA NETO

Flam. Brasil

Entre o choque e o xeque

O presidente José Sarney está entre impor um novo choque à economia ou aguardar que o Congresso produza o pacto político. Se impuser o choque, poderá inviabilizar o pacto e até mesmo juntar seus adversários num só saco. Afinal, nenhum deles deixará de criticar as medidas econômicas e mobilizar o Congresso Nacional para derrubá-las.

O Governo, se editar novas medidas, terá reduzidas margens de êxito, embora detenha instrumental técnico para adotá-las. Mas, se ficar paralisado, esperando Godot, ou mesmo Collor, correrá um risco pior: introduzir a Argentina no nosso quintal, sem que qualquer comparação seja possível entre as duas economias. Somente um governo fraco poderá comparar dois elementos não mensuráveis.

Para adotar novas medidas, o Presidente da República deverá ter um olho no calendário gregoriano, que conduz o País até 15 de novembro, e o outro na metodologia de seus técnicos. Evidentemente, não quererá repetir as loucuras heterodoxas dos tecnocratas que geraram dois planos complicados no fundo e na forma, e brilhante apenas em aspectos circunstanciais, como a postura digna e altaiva diante dos credores externos. Mas isso não enche a panela do povo.

De olho na panela, outro na janela da campanha eleitoral, ao Presidente não resta tempo, nem espaço. Ou faz agora, ou se

deixará enredar pela hiperinflação, anunciada já para julho. Amanhã, haverá novo aumento dos combustíveis, sem contudo eliminar o círculo vicioso de não ser possível atender aos quarenta por cento de reajuste reclamados pela Petrobrás, o que implicará déficit ainda maior na estatal.

Se adotar agora um choque ortodoxo, o Presidente poderá salvar as eleições, mas tende a restar para a história como um chefe de transição a quem não foi dada condição de até mesmo ter preferências na sua sucessão. Sarney faria um último favor ao País, revelando toda uma desambiguação, que mais tarde poderia até se converter em culto à sua coragem, tornando-o uma presença digna nas páginas da história: impor o choque à economia, salvar as eleições e passar a faixa presidencial a um oposicionista. Nada melhor para uma biografia.

Porém, como político, ele raciocina diferente. Ainda está sendo instado por alguns de seus pares a ter candidato, e influir na sucessão. Se o choque der certo, poderá até eleger a quem apolar. Para isso é que Sarney se tem cercado de quem entende de marketing. O jornalista Augusto Marzagão está a seu lado, aconselhando-o a medidas de melhoria da imagem. Marzagão jantou na terça-feira com o ministro João Alves, a quem conheceu no México. Alves lembrou o seu nome ao Presidente da República. A hora para amigos sinceros.